

Editor: Severino Borges Silva

UM DIA

OUTONO

## UM DIA OUTONO

Surge a manhã fulgurante  
com seu clarão luminoso  
no prado verde relvoso  
derrama luz cintilante  
no horisonte distante  
seu lindo foco irradia  
uma aragem branda e fria  
sopra por entre a ervança  
grata meiga pura e mansa  
fresca serena e macia.

As águas das cordilheiras  
se desprendem furiosas  
vão procurando raivosas  
o nível das cachoeiras  
as corujas traíçoeiras  
fogem da imensidade  
passam com velocidade  
procurando suas furnas  
deserta feias e noturnas  
receiando a claridade.

As mimosas assucenas  
desabrocham delicadas  
entre as folhas orvalhadas  
das perfumadas verbenas  
cantam as aves pequenas  
no coqueiro da vazante  
uma brisa refrescante  
pela campina fassalha  
abrindo a renda da palha  
para o lado do levante.

Logo linda claridade  
através do monte surge  
muito triste a vaca muge  
como quem sente saudade  
o sol com vivacidade  
nos anuncia um bom ano  
o seu disco soberano  
corta o espaço vermelho  
cristalizando o espelho  
das águas do oceano.

Se ouve os rumores perto  
dos pesados ventos súb  
roçando os verdes bambús  
do coração do deserto  
o sol qual espelho aberto  
derrama luz luminosa  
por traz da serra verdosa  
começa o claro surgir  
parece o mundo se abrir  
num sonho de paz e rosa.

Canta contente o Carão  
na fronde do cajueiro  
depois forma um vôo ligeiro  
pra longinqua região  
grita alto o Gavião  
do sol gozando o afago  
que do firmamento vago  
envia raios de luz  
dourando as asas azús  
das borbolêtas do lago.

Depois o sol alteando  
sua luz como um segrêdo  
transpõe o alto, penêdo  
num suspiro lendo e brando  
nos parece ir longeando  
a Suprema Divindade  
nessa hora de saudade  
um camponês ancião  
diz dentro do coração.  
adeus minha mocidade.

As andorinhas medrosas  
que fogem lá do deserto  
vão buscando abrigo certo  
por entre as matas verdosas  
as abelhas preguiçosas  
como que aborecidas  
ou se fingindo perdidas  
nas imensas cordilheiras  
empaiam horas inteiras  
nos bananais entretidas.

A aragem pura e grata  
talvez mostrando ciume  
sopra espalhando o perfume  
das brancas flôres da mata  
o tigre lá na cascata  
faz um salto violento  
pelo vale pardacento  
o arvorêdo selvagem  
entrega sua folhagem  
a natureza do vento.

A neve se estende fria  
por grutas montes e serras  
cobrindo a face da terra  
de beleza e primasia  
a imensa serrania  
apresenta seus verdôres  
passam alguns beija-flôres  
pelas janelas das casas  
nos mostrando suas asas  
como tem tão lindas côres.

Cantam todos sabiães  
patativa e rouxinol  
olhando o disco do sol  
nas ramas dos parrerais  
e as brisas matinais  
sopram por entre o gramado  
no grutilhão no valado.  
passam lentas sobre o solo  
vizando que o Deus Eolo  
mandou lembrança ao prado

As borbuletas ligeiras  
pousando de galho em galho  
sugando gotas de orvalho  
das folhas das goiabeiras  
depois voando rasteiras  
vão tomando novas bases  
para o tenebroso oásis  
onde se acha esperando  
uma a outra revelando  
as mais inocentes frases.

Os orvalhos matinais  
como gotas cristalinas  
semeadas nas campinas  
pelos frêscos vendavais  
nos parecendo cristais  
se desprendendo da rama  
gotejando sobre a grama  
um pranto quase dos sírios  
daí chorando a mãe dos lírios  
o que a noite derrama.

Um nevoeiro pesado  
desponta por traz do monte  
o magestoso horizonte  
se representa anilado  
o espaço desmaiado  
o mundo todo sombrio  
depois um vento macio  
agita as folhas das malvas  
levando as espumas alvas  
da correntesa do rio.

Doze horas meio dia  
o vento suspira manso  
o nevoeiro em balanço  
uma mudança anuncia  
a passarada em folia  
gorgeia pela campina  
surge além da colina  
da natureza o abono  
assim a tarde de outono  
feia e chuvosa declina

O nevoeiro parado  
formando grossos bulhões  
os mais pesados trovões  
estalam de lado a lado  
no lindo pomar florado  
espalha-se uma friêsa  
nos mostra sua beleza  
o pequeno ouricuri  
recebendo alegre em si  
os beijos da natureza.

Os gigante vegetais  
ao vai e vem da procela  
soltando bôlhas amarela  
pelos desertos campais  
se ouve para os rozais  
uma canção maviosa  
na aroeira frondosa  
um sabiá comovido  
solta prelúdio sentido  
de sua audeixa chorosa.

Trina o canário contente  
no mangueiral gigantêsco  
recebendo o vento frêscos  
que sopra serenamente  
as nuvens no ocidente  
vão ficando desmaiadas  
as andorinhas vexadas  
abrem as pequenas asas  
procurando as fontes rasas  
das águas cristalizadas.

A hiena perigosa  
o lobo o tigre o leão  
fazem lá no grutilhão  
uma caverna assombrosa  
se ouve a campsa saudosa,  
espalhando seus tinidos  
os cristãos endurecidos  
da triste lei diabólica  
nesta hora melancólica  
sentem-se mais comovidos

Já o sol no horizonte  
vai se cravando tão belo  
tingindo de amarelo  
o vale a gruta e o monte  
se ouve o rumor da fonte  
a catarata gemendo  
as águas brancas descendo  
pelas escabrosidades  
para nos dar mais saudades  
da tarde que vai morrendo

Hora mansa meiga e grata  
em que a suave brisa  
tranquilamente deslisa  
pela folhagem da mata  
o céu parece uma prata  
mostrando cor transparente  
lá no bosque muito ausente  
uma ovelha pequenina  
corre na vasta campina  
cassando quem apascente

O campanário anuncia  
nessa hora mansa e bela  
além além da capela  
o som da Ave Maria  
se ouve pra serrania  
um tropel de cavaleiro  
descendo o despenhadeiro  
procurando entrar no val  
trazendo o gado ao curral  
em vestes de boiadeiro

Depois os raios solares  
vão todos se separando  
tristonhos se ocultando  
longe atravez dos palmares  
pelos jardins e pomares  
reina um tristonho pesar  
o sol no seu lento andar  
já vai desaparecendo  
o seu crepúsculo morrendo  
como um sonho junto ao mar

Agora a escuridão  
dezenrola-se no levante  
vem tomando num instante  
o mundo de vão a vão  
uma grande solidão  
nesse momento aparece  
o glôbo todo intristece  
reina um silêncio profundo  
a noite amortalha o mundo  
e a natureza adormece. FIM

Nº

13  
9860

# AGUARDEM!

Nascimento, Vida e Morte de  
Maria e de Jesus.